

PROBLEMAS ATUAIS DA ECONOMIA CAFEEIRA (1)

Eng.º Agr.º Rubens Araujo Dias

1 — CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO E CONSUMO DO CAFÉ

Preliminarmente, podem ser salientadas determinadas características do café, tanto do lado da oferta como da demanda, que atuam de modo preponderante na evolução da situação desse produto.

De um modo geral, os produtos agrícolas apresentam condições peculiares de produção em relação aos produtos industriais, não só pelo menor conhecimento que o grande número de produtores agrícolas têm sobre as condições dos mercados dos produtos e dos fatores, o que impede uma acertada decisão sobre o nível a ser produzido, como também pela influência na produção de elementos fora de controle dos a-

gricultores, como o clima, ataque de pragas, etc., que podem alterar, significativamente, o volume final a ser obtido, em relação ao que teria de ser idealmente produzido. Isso tudo faz com que a oferta efetiva, num dado período, não seja a adequada, provocando, portanto, oscilações indesejáveis nos preços dos produtos.

No caso de cultura permanente, como o café, esse quadro é, ainda mais, agravado, pois, incentivados por preços remuneradores, os agricultores, ao decidirem fundar um cafezal, só terão sua primeira colheita depois de 3 ou 4 anos, levando outros 4 a 6 anos para conseguir plena produção. E, nessa ocasião, a situação do mercado do produto pode já estar alterada, vigorando preços não satisfatórios.

(1) Palestra proferida em 5/8/69 no Instituto de Engenharia.

Além disso, mesmo a êsses preços insatisfatórios, o agricultor pode continuar mantendo a produção, pois os investimentos necessários à formação do cafezal e às instalações de preparo já foram feitos no passado, embora continuem a corresponder a custos fixos elevados que, de um modo geral, representam parcela ponderável dos custos totais do café. Mas, enquanto a renda bruta fôr suficiente para cobrir os custos variáveis, o agricultor pode continuar a produzir. Ressalte-se, ainda, que, no caso de determinado tipo de lavoura, êsses custos dizem respeito apenas à aplicação do trabalho manual do proprietário e de sua família, às vêzes sòmente para realizar a tarefa de colheita, não representando, portanto, custos monetários de importância. Dêsse modo, os ajustamentos ideais que se fazem necessários para adaptar a oferta à demanda não são feitos, ou podem ser bastante retardados. Outrossim, deve-se reconhecer que, em determinadas regiões, notam-se contínuos incrementos na produção de café, apesar dos ciclos de preços baixos. Isso é motivado não só pela vantagem que o café apresenta, mesmo a êsses preços, quando comparado com outras culturas alternativas, como, também, pelo

possível interesse, no caso de certos países, em incentivar êsse cultivo para o abastecimento de suas metrópoles ou zonas de mercado sob proteção.

Outro ponto a ser considerado, é o referente a determinadas características na demanda do café, que não favorecem a absorção fácil de produções maiores. É que a demanda do café apresenta-se, de um modo geral, tipicamente inelástica, principalmente nos países de renda mais alta. Assim, nos EE.UU., por exemplo, principal importador, a elasticidade-preço tende a situar-se entre — 0,2 e — 0,3, ou seja, uma redução de 10% no preço provocaria um aumento no consumo de apenas 2 a 3%. Em outras palavras, com a diminuição dos preços, o incremento das vendas não seria suficiente para proporcionar a renda total anteriormente conseguida. Essa característica da demanda do café, tornou possível, por parte dos países importadores, a cobrança de taxas elevadas sòbre o produto. Essa situação é encontrada em quase todos os países da Europa, onde se encontram, inclusive, alguns que, entre tarifas aduaneiras e impostos internos, chegam a cobrar quantia superior ao preço de importação.

QUADRO 1. — Situação Mundial do Café
(Em milhões de sacas de 60 kg)

Ítem	Media			Safrá Comercial				
	1953/54	1958/59	1963/64	1964/65	1965/66	1966/67	1967/68(x)	1968/69(1)
	a 1957/58	a 1962/63	a 1967/68					
I — Produção Exportável								
Brasil	16,4	26,6	16,0	10,2	29,6	9,3	14,9	8,3
Colombia	5,8	6,8	6,7	6,5	7,0	6,6	6,3	6,7
Outros da América .	6,7	8,5	9,6	9,3	9,8	9,1	10,1	9,2
África	7,3	12,6	16,2	15,2	16,7	16,1	16,4	18,2
Ásia e Oceania	1,2	2,0	2,5	2,5	2,4	2,4	2,7	2,6
Total ..	37,4	56,5	51,0	43,7	65,5	43,5	50,4	45,0
	1954 a 58	1959 a 63	1964 a 68	1965	1966	1967	1968(1)	
II — Exportações								
Brasil	13,7	17,4	16,3	13,5	17,0	17,3	19,0	
Colombia	5,4	6,1	6,0	5,6	5,6	6,1	6,6	
Outros da América .	6,7	8,2	9,4	9,0	9,4	9,4	9,9	
África	7,8	11,4	15,2	14,3	15,7	15,3	16,6	
Ásia e Oceania	1,0	1,5	2,4	2,5	2,6	2,8	2,0	
Total ..	34,6	44,6	49,3	44,9	50,3	50,9	54,1	
III — Importações								
Eslados Unidos	19,8	23,2	22,6	21,3	22,1	21,3	25,4	
Europa	12,3	17,8	22,8	21,6	22,7	23,6	24,9	
Outros	2,9	3,7	4,8	4,3	5,0	4,8	5,4	
Total ..	35,0	44,7	50,2	47,2	49,8	49,7	55,7	

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economía Agrícola com dados originais do Bureau Pan Americano do Café.
USDA "COMPLETE COFFEE COVERAGE" E IBC.

E, por essa mesma característica, demanda inelástica em relação a preços —, é de interesse dos países produtores a instituição de políticas de sustentação de preços. No caso particular do Brasil, há inúmeros exemplos de intervenções no mercado, desde os planos de valorização do Convênio de Taubaté no início do século, até a defesa de preços que, de um modo geral, vem sendo realizada nos últimos anos.

2 — SITUAÇÃO MUNDIAL RECENTE

Pode-se dizer que no período de após-guerra, a situação mundial do café se caracterizou, até recentemente, por crescentes produções, em níveis sempre superiores ao consumo, o que levou a contínuas acumulações de excedentes. A alta de preços que se verificou no mercado mundial logo após o término da 2.^a guerra e que atingiu o máximo em 1954, estimulou bastante o plantio em todo o mundo, embora o maior incremento tenha se verificado no Brasil. Assim, a produção exportável mundial passou de 28,5 milhões de sacas no quinquênio de 1945/49 a 56,5 milhões no quinquênio de 1958/62 chegando a atingir 67,3 milhões na safra recorde de 1959/60.

Naqueles dois quinquênios, o Brasil passou de 14,1 para 26,6, os demais países da América de 9,9 milhões para 15,3 e a África de 4,2 para 12,6 milhões de sacas.

Com produções nitidamente superiores ao consumo, houve quedas nos altos preços vigentes no início da década de 50, o que provocou (ao lado de outras medidas de controle das exportações) uma acomodação na produção.

Os dados apresentados no quadro 1 mostram as alterações ocorridas no volume produzido e nas exportações, em médias quinquenais 1953/57 a 1963/67 — e nos últimos 5 anos.

É importante salientar que, enquanto a produção da Colômbia permanece quase que constante em todo o período, as dos demais países da América (exclusive Brasil) aumentaram no início do período mas, depois, também estacionaram. Ao lado dessa situação, nota-se um contínuo aumento nas produções africanas que, no entanto, diminuíram de intensidade nos últimos anos, e uma sensível diminuição ocorrida no Brasil que foi, então, o único responsável pela redução ocorrida na produção mundial nos últimos anos.

Ao lado dessa evolução no volume produzido, o consumo mundial de café vem se desenvolvendo em uma proporção bem menos pronunciada, em grande parte pelas razões já expostas. Pode-se estimar, que esse consumo cresce a uma taxa anual entre 2 e 3%, dependendo principalmente do preço relativo do café, das flutuações na renda disponível nos países consumidores e das mudanças na política fiscal desses mesmos países.

A situação exposta — crescimento da produção em ritmo superior que o consumo —, faz com que haja no mercado de café uma tendência de queda nos preços. Em resumo, pode-se apontar que, enquanto no quinquênio de 1950/54 a média de preços do café Santos 4 em Nova York que era de pouco menos de 60 “cents” por libra, e que nos anos de 1955 e 1957 atingiu 57 “cents”, em 1958 tinha descido para 49 “cents” e que atualmente gira em torno de 35 cents.

Essa tendência de queda teria sido ainda mais intensa, se não ocorresse uma política de defesa de preços no mercado mundial, praticada pelos países produtores. O Brasil, aliás, por ser o principal produtor, vem assumindo, há já muito tempo, uma posição destacada

na defesa dos preços mundiais do produto, arcando, assim, com a quase totalidade dos ônus em manter essa política, ônus esses representados, principalmente, por uma contínua perda de participação no comércio mundial e, também, por ser obrigado a acumular pesados estoques excedentes.

A êsse respeito, pode-se citar que enquanto no período de 1930/39 o Brasil contribuía com cerca de 56% do comércio mundial do café, nos últimos anos sua participação foi de pouco mais de 30%. E, de outro lado, mantemos em grande parte desse período, pesados estoques, chegando mesmo 50/60 milhões de sacas, ou seja, o equivalente a mais de um ano de importações mundiais. Se não fôsse a manutenção de preços mais elevados, teria havido menor incentivo a novos plantios em outras áreas e o Brasil poderia estar exportando maior volume. Mas, dada a inelasticidade dos preços do café estaríamos provavelmente vendendo mais café, mas obtendo menor receita cambial.

Na realidade, um exame dos resultados obtidos com a exportação de café comprova essas afirmativas. Assim, no quinquênio de 1950/54 quando o preço médio de exportação era de 51,6 “cents” por libra expor-

tamos, em média, 14,7 milhões de sacas anuais, propiciando uma entrada de pouco mais de 1 bilhão de dólares por ano. No quinquênio seguinte, apesar da queda de preços para 41,7 "cents", o volume exportado anual passou a 15 milhões de sacas, mas a receita cambial caiu para 828 milhões de dólares. E em 1968 exportou-se 19,0 milhões de sacas com uma receita de 800 milhões de dólares. Outros exemplos semelhantes podem ser facilmente encontrados em nossas estatísticas. Aliás, a manutenção da receita cambial de café em níveis satisfatórios é uma das razões fundamentais da defesa dos preços externos do café, pois reduções pronunciadas nas cotações desse produto afetariam de maneira sensível a nossa balança de pagamento, podendo, inclusive, provocar dificuldades bastante graves em nossa economia e no processo de desenvolvimento do nosso país.

A esse respeito, podemos acrescentar que se vinham verificando pequenos progressos na expansão das receitas, em divisas provenientes da exportação de outros produtos que não o café. Pelos dados do quadro 3, onde podem ser examinadas estatísticas do valor das exportações brasileiras nos últimos 20 anos, verifica-se que, em geral, esses outros produtos vinham

fornecendo divisas entre 500 a 600 milhões de dólares e somente a partir de 1961 é que se constatarão modificações nessa situação. Nos últimos anos, a partir de 1963, vem mesmo se notando uma tendência bem positiva, com crescentes ingressos dos outros setores, tendo-se no último ano (1968) ultrapassado a cifra de 1 bilhão de dólares. A variação na receita total do país era, principalmente no recente passado, diretamente influenciada pela fornecida pelo café. De qualquer modo, mesmo hoje, movimentos de baixas mais pronunciadas nas cotações de café podem vir a afetar sensivelmente a nossa receita cambial, provocando, portanto, sérios distúrbios em nossa capacidade de importar.

Face àquelas desvantagens, que são comuns a outros países produtores, resta a alternativa de se conseguir um melhor funcionamento do Acôrdio Internacional do Café.

Já desde 1958, procurou-se reunir os produtores de café num acôrdio, visando ao estabelecimento de cotas para exportação, sendo que, posteriormente, países de outras áreas foram abrangidos. E, finalmente, em 1962, foi realizado um acôrdio a longo prazo, baseado ainda num sistema de cotas e incluindo a quase totalidade dos

países produtores e consumidores. E, só mais recentemente — meados de março de 1965 —, o Conselho Internacional do Café aprovou resolução introduzindo um sistema mais efetivo, pois se prevê um ajustamento das cotas de exportação às flutuações nos preços do Café.

3 — SITUAÇÃO DO CAFÉ NO BRASIL

A importância do café no Brasil pode ser avaliada por vários modos. Em primeiro lugar, pela contribuição na formação da renda interna do País. Na história mais recente, apenas nos anos de preços mais altos (1954), a sua participação chegou a representar 20% da renda agrícola brasileira, e cerca de 6% do Produto Interno Bruto.

Atualmente, sua importância sob esse aspecto diminuiu bastante e a falta de elementos estatísticos mais recentes impedem uma melhor avaliação. E isso acontece mesmo em São Paulo. Assim, nos últimos anos o café vem participando com cerca de 12% da renda agrícola de nosso Estado (variando de 5,4 a 18%). E isso deve significar cerca de 2,5% do Produto Bruto de São Paulo.

Outros aspectos, no entanto devem ser mencionados. O café é das culturas que utiliza mão-de-obra de maneira mais intensiva e mesmo atualmente admite-se que cerca de 20% da mão-de-obra rural de São Paulo ainda está ligada à cafeicultura.

Sob o aspecto global de nossa economia, o café representa importante papel. O primeiro diz respeito ao fornecimento de receitas cambiais. Os dados já citados, apresentados no quadro 3, mostram a substancial contribuição do café nesse respeito. Outro ponto importante, diz respeito ao fornecimento de recursos para outros setores de nossa economia, o que ocorreu principalmente no passado. Através de um sistema de taxas cambiais fixadas em nível artificial, havia transferência de renda para as atividades que se beneficiavam de taxa cambial mais favorável nas importações. Estudo feito estimou que, desse modo, entre 1947 e 1958, houve uma transferência da ordem de 959 bilhões de cruzeiros de 1958.

Esse montante equivalia, na época, aos orçamentos da União (988 milhões entre 1947 e 1958). E, se expressássemos aquêle total em cruzeiros de

1969 iríamos chegar a uma cifra equivalente a 48 bilhões de cruzeiros novos.

Posteriormente, esse sistema de transferência se institucionalizou, tendo sido criado o Fundo de Reserva de Defesa do Café, ao qual era creditado a cota de contribuição (diferença entre a cambial café e a taxa de câmbio efetiva) e, nos últimos anos os recursos da venda dos estoques governamentais. E a essa conta é debitada a compra de eventuais excedentes e as despesas com o I.B.C. Apenas como elemento informativo, pode-se acrescentar que, em 31/12/58, o saldo dessa conta era de 913 milhões de cruzeiros novos.

3.1 — SITUAÇÃO ESTATÍSTICA RECENTE

Conforme já se caracterizou, devido ao aumento da produção, houve sensível acumulação de estoques que se avolumaram nos fins da década de 50. Os dados do quadro 4 sintetizam a posição estatística de café no Brasil nos últimos anos, embora os dados dos estoques que incluem os em poder do Governo e os em mãos de particulares sejam apenas indicativos.

Devido à desfavorável posição estatística, o Governo Fede-

ral, que detém o controle da política cafeeira, estabelecendo os planos de safra, regulamentando a movimentação do produto, fixando os níveis de registro nas vendas de exportação e desse modo, determinando os níveis de preços internos, passou a adotar uma política de compressão desses preços, de modo que os cafeicultores viram bastante reduzidas as suas rendas.

Os dados do quadro 5, relativo aos preços médios recebidos pelos cafeicultores do Estado de São Paulo, expressos tanto em valores correntes como em cruzeiros de valor constante, mostram o declínio real verificado naqueles preços, principalmente nos períodos de 1959 a 1961 e, posteriormente, de 65 até atualmente. O gráfico apresentado em anexo permite uma visualização dessa situação. Aí são apresentadas curvas de custos (excluindo e incluindo as remunerações a todos os fatores) correspondentes a vários níveis de produtividade. Além dessas curvas, são colocadas linhas de renda bruta obtidas a vários preços de café no interior (de 50 a 100 cruzeiros), o que permite uma pronta apreciação dos reflexos dos vários preços admitidos. Como na safra de 1968/69 a produção média do

Estado está em tórno de 35 ar-
rôbas por mil pés e os preços
estão variando entre 70 e 75
cruzeiros novos por saca (3),
pode-se bem verificar a difícil
situação que vem sendo enfren-
tada pelos cafeicultores.

Situações como a descrita, vi-
gente em uma série de anos,
conjugada ainda por progra-
mas governamentais incentivan-
do as erradicações, levaram a
uma nítida tendência de de-
crécimo da produção, tanto na-
cional (como se vê nos dados
do quadro 4), como na de São
Paulo (quadro 6). Nêsse Esta-
do, de 1,4 bilhões de pés caiu-se
para 690 milhões e a produção
passou de 12,8 no triênio de
1957 a 1959 para pouco mais
de 6,0 milhões nos últimos a-
nos.

Os reflexos dessa situação fo-
ram violentos na renda da
cafeicultura (quadro 7). Entre
o quinquênio de 1948/1952 e 68
houve uma queda de renda real
da ordem de 70%. Ou, em ou-
tras palavras, enquanto o café
contribuía para a formação da
renda agrícola paulista com
1,0 e 1,3 bilhões de cruzeiros
novos (de 1968), respectiva-

mente nos quinquênios de 1948/
52 e 1953/57, essa contribuição
caíu para a modesta cifra de
285 milhões em 1968.

A recente deterioração da
produção brasileira de café po-
de ser bem retratada se ali-
nharmos os dados dos últimos
7 anos. As estatísticas a res-
peito da produção e consumo
(exportações e consumo inter-
no) são mostrados no quadro 8.

No primeiro período (de
1964 a 1968) do qual já se dis-
põe de dados definitivos, a pro-
dução global atingiu a 120 mi-
lhões de sacas e o consumo al-
cançou a 123,2, deixando, por-
tanto, um deficit de 3,2 milhões
nesse período. É de salientar
que nesses 5 anos, em apenas
um (1965/66), houve produção
superior ao consumo.

Das duas safras seguintes
(1968/69 e a atual), ainda não
se dispõe de informações mais
seguras. A colheita de 68/69,
deve ter deixado um deficit
adicional de cêrca de 11 mi-
lhões de sacas e, se aceitarmos
para a corrente safra uma pro-
dução de 20 milhões de sacas e
um consumo equivalente ao do

(3) Cotações vigorantes no início da comercialização da colheita de 69.

ano anterior, ocorrerá em relação a essas duas safras, uma nova redução de 18,8 milhões nos estoques.

Em resumo, nas sete últimas safras tivemos uma produção total de 157 milhões de sacas e um consumo de 179 milhões. Houve, assim, nesse período, uma diminuição de 22 milhões nos excedentes de café que o IBC vinha carregando.

3.2 — PRÓXIMAS PERSPECTIVAS

Pelos dados atrás expostos, pode-se dizer que a potencialidade de produção de café no Brasil alterou-se significativamente nesses últimos anos, já se mostrando insuficiente para atender às nossas necessidades de consumo (interno-exportação) que hoje podem ser estimadas entre 27/28 milhões de sacas. E, com o impacto sofrido em inícios de julho de 69, decorrente da forte e generalizada geada, que ocorreu no Norte do Paraná e Sul de São Paulo, esse processo de deterioração se intensificou ainda mais. Em primeiro lugar, porque a colheita de 1970 ficou seriamente afetada.

Os resultados preliminares do levantamento efetuado pelo IBC indicam que foram atingidos 97% dos cafeeiros norte-paranaenses, sendo que 22% foram afetados duramente. Num primeira previsão, o IBC calcula em 2,9 milhões de sacas a safra de 70 nesse Estado.

No entanto, mesmo se admitindo uma colheita de 5 milhões no Paraná, poderíamos chegar a uma produção brasileira de apenas 16 milhões de sacas (7 em São Paulo e 4 nos demais Estados), e que, aliás, pode ser considerada uma estimativa otimista.

É necessário frizar que, a menos que se alterem de maneira sensível as condições de preços prevalecentes no mercado interno, deve-se esperar a continuação do processo de eradicacão (mesmo sem programas específicos) principalmente no Paraná, em regiões que vem sendo seguidamente afetadas por condições adversas de clima. Assim, podemos admitir o seguinte quadro que tenderia a prevalecer pelo menos nos próximos 2 a 3 anos (após a safra de 70).

QUADRO 2. — Produção Provável nos Estados nas Próximas Safras

Estado	Milhões de pés	Rendimento (sc. benef/1000 pés)	Produção (milhões scs)
São Paulo	700	10	7,0
Paraná	700	12	8,4
Minas	330	6	2,0
Espirito Santo	300	4	1,2
Outros	0,4
Total	—	—	19,0

Essa seria a produção que poder-se-ia considerar como “normal” nos próximos anos. E isso, para enfrentar um consumo de 27/28 milhões, apresentando, portanto, um deficit médio de 8 a 9 milhões por ano. Essa perspectiva pode ser considerada como média, pois se a situação de preços continua comprimida como nos últimos anos, pode-se, inclusive, esperar safras ainda menores. Haja visto que um cálculo de tendência, baseada no período de 1959/60 a 67/68, nos levaria a um total, que podemos considerar como altamente improvável, de 10 milhões de sacas na colheita de 1973/74. De outro lado um incremento sensível nos preços poderia significar um aumento daquela produção considerada “normal” (de 19,0 milhões),

pois, mesmo não havendo tempo para a entrada em produção de novos plantios, poderia haver uma maior produção, provocada por menores erradicações e por intensificação nas adubações.

Resta analisar os efeitos dessas perspectivas no desenvolvimento da situação estatística. Mas, para isso, faltam informações mais precisas do volume efetivo dos estoques em poder do Governo. Se admitirmos a existência de 40 milhões no início da atual safra — os dados do quadro 4 apontavam uma existência de 47,9 milhões (estoque oficial e particular) mas há grandes contradições nessas informações, poderíamos assim resumir a situação.

Estoques em 30/6/69	40,0
Deficit da atual safra	<u>8,0</u>
Estoques em 30/6/70	32,0
Deficit da safra geada (70/71) .	<u>11,0</u>
Estoques em 30/6/71	21,0

Aceitas as considerações atrás feitas, verifica-se que êsses estoques praticamente se esgotariam após 2 safras “normais”, ou seja, em meados de 1973, mesmo porque parte dos estoques atuais não são considerados “exportáveis”.

3.3 — CONCLUSÕES

Assim, pode-se prever uma modificação sensível no panorama da cafeicultura nacional, nos próximos anos. No entanto, a concretização dos prognósticos atrás caracterizados seria totalmente prejudicial, pois a inevitável e acentuada alta que então se verificaria nos preços internos e externos iria levar a uma nova corrida para o café, tanto no Brasil como em outros países, provocando nova situação de super produ-

ção. Urge, pois, que se introduzam modificações na política cafeeira, básicamente na política de preços, de modo a levar os agricultores a intensificarem o trato dos atuais cafezais e mesmo a realizarem novos plantios, dando condições para a cafeicultura assumir a posição que efetivamente lhe cabe no cenário de nossa economia.

A não perseguição dêsse objetivo, de outro lado, pode levar a prejuízos sérios para a economia nacional, pois a eventual falta de possibilidade de o Brasil vir a atender as suas cotas de exportação, virá fatalmente alterar a nossa posição na economia cafeeira mundial, com graves reflexos em nossa receita cambial, afetando mesmo o nosso processo de desenvolvimento econômico.

QUADRO 3. — Valor das Exportações Brasileiras
(Em Milhões de Dólares)

Média de Quinquênio e Ano	Café	Outros Produtos	Total
1945-49	423	587	1.010
1950-54	1.002	527	1.529
1955-59	828	536	1.364
1960-64	715	630	1.344
1955	844	579	1.423
1956	1.030	452	1.482
1957	846	546	1.392
1958	688	555	1.243
1959	733	549	1.282
1960	713	556	1.269
1961	710	693	1.403
1962	643	571	1.214
1963	747	659	1.406
1964	760	670	1.430
1965	707	888	1.595
1966	773	968	1.741
1967	733	921	1.654
1968	797	1.093	1.890

Fonte: Ministério da Fazenda.

QUADRO 4. — Situação Estatística do Café no Brasil

(Em milhões de sacas de 60 kg)

Item	1962/63	1963/64	1964/65	1965/66	1966/67	1967/68	1968/69(1)
1 — Estoque inicial	57,0	61,9	59,0	56,8	69,9	62,8	58,7
2 — Produção registrada	28,3	23,1	18,1	37,8	17,6	23,4	17,0
A — Suprimento							
(1 + 2)	85,3	85,0	77,1	94,6	87,5	86,2	75,7
3 — Exportação exterior	16,9	18,9	12,4	16,5	16,4	19,0	19,1
4 — Consumo interno	6,5	7,1	7,9	8,2	8,3	8,5 (1)	8,7
B — Consumo Geral							
(3 + 4)	23,4	26,0	20,3	24,7	24,7	27,5 (1)	27,8
C — Estoque Final							
(B + A)	61,9	59,0	56,8	69,9	62,8	58,7 (1)	47,9

(1) Dados preliminares ou previsões.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola com dados originais do IBC e outras informações oficiais.

QUADRO 5. — Preços Médios Recebidos pelos Cafeicultores do Estado de São Paulo

(NCr\$ por saco de 60 kg)

Ano	Valor Corrente	Valor em cruzeiro de 1968 ⁽¹⁾
1948-52	0,84	120,00
1953-57	2,06	137,33
1958	1,72	74,78
1959	1,93	60,31
1960	2,59	61,67
1961	3,57	62,63
1962	6,19	71,15
1963	12,50	82,78
1964	31,20	108,33
1965	30,00	66,22
1966	30,29	48,39
1967	40,61	50,45
1968	61,82	61,82

(1) Utilizou-se o índice "2" da Conjuntura Econômica como inflator, admitindo-se que melhor represente a alteração geral do valor da nossa moeda.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

QUADRO 6. — Produção de Café no Estado de São Paulo

Média de triênio e Ano	Cafeeiros Milhões de covas	Produção Milhões de sacas Beneficiadas	Rendimento Agrícola 15 kg/1000 covas
1957-59	1.374	12,8	37,3
1960-62	1.270	8,3	25,7
1963-65	840	7,8	39,1
1966-68	718	6,4	35,8
1969	690	6,3	36,5

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 7. — Renda Bruta da Cafeicultura Paulista
(NCR\$ 1.000)

Média de Quinquênio e Ano	Valor Corrente	Valor em Cruzeiro de 1968 (1)	Índices
1948-52	6.782	968.857	100
1953-57	19.561	1.304.067	134
1960	21.498	511.857	53
1961	40.341	707.737	73
1962	32.189	369.988	38
1963	126.247	836.093	86
1964	56.160	195.000	20
1965	351.000	774.834	80
1966	187.726	299.994	31
1967	345.059	428.638	44
1968	284.832	284.832	29

(1) Utilizou-se o índice "2" da Conjuntura Econômica como inflator.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8. — Situação do Café no Brasil nos últimos anos
(Em milhões de sacas de 60 kg)

Safra	Produção	Consumo		Total	Excedente ou Deficit
		Int.	Exp.		
1963/64	23,1	7,1	+ 18,9 =	26,0	— 2,9
1964/65	18,1	7,9	+ 12,4 =	20,3	— 2,2
1965/66	37,8	8,2	+ 16,5 =	24,7	+ 13,1
1966/67	17,6	8,3	+ 16,4 =	24,7	— 7,1
1967/68	23,4	8,5	+ 19,0 =	27,5	— 4,1
1964/68	120,0	40,0	+ 83,2 =	123,2	— 3,2
1968/69	17,0	8,7	+ 19,1 =	27,8	— 10,8
1969/70	20,0	28,0	— 8,0
Estimativa de 1969/70	37,0	55,8	— 18,8
Resumo provável das 7 últimas safras	157,0	179,0	— 22,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.